

O DESAFIO DA INOVAÇÃO DIDÁTICA E A POTENCIALIDADE DOS MAPAS CONCEITUAIS

Joana Guilares de Aguiar

*Instituto de Química e
Programa de Pós-
graduação em Ensino de
Ciências da Natureza –
Universidade Federal
Fluminense*
joana_aguiar@id.uff.br

Paulo Rogério Miranda Correia

*Escola de Artes, Ciências e
Humanidades –
Universidade de São Paulo*
prmc@usp.br

A crise sanitária imposta pela Covid-19 vem exigindo das instituições educacionais uma preocupação em como manter a qualidade do ensino oferecido aos alunos em uma situação tão crítica. Diferentemente do Ensino à Distância (EaD), em que o currículo é pensado e estruturado para ser realizado em atividades prioritariamente assíncronas (Behar, 2009), o ensino remoto tem um caráter adaptativo, provisório, emergencial (Valente, Moraes, Sanchez & Souza, 2020). Ambos exigem pressupostos teóricos e metodológicos diferentes daqueles do presencial – a simples transposição de conteúdos para o ambiente virtual de aprendizagem apesar de ser um primeiro passo, mina a potencialidade de criação de novas formas ensinar e se relacionar com nossos alunos.

Nesse contexto, é preciso romper com os antigos paradigmas, pautados na mera transmissão verbal de conhecimentos e propor uma mudança profunda na cultura de aprendizagem. Em suma, é preciso espaço para inovação didática definida, por Lucarelli (2000), como práticas de ensino que alteram, de algum modo, o sistema unidirecional de relações que caracterizam o ensino tradicional, supondo uma ruptura com o estilo didático positivista, o qual comunica um conhecimento fechado, acabado, conducente a uma didática da transmissão que, regida pela racionalidade técnica, reduz o estudante a um sujeito destinado a receber passivamente esse conhecimento. Mas, há que se ter o cuidado para não entender inovação do ponto de vista tecnicista, conforme alerta Percheron (2021, p. vi),

[...] No âmbito educacional, essa concepção [de inovação] pode se traduzir na busca por inovações didáticas, de caráter essencialmente técnico, que supostamente solucionarão os problemas de ensino-aprendizagem com pouca ou nenhuma dependência do contexto onde ocorrem.

Apesar da inovação didática parecer imprescindível neste novo contexto de pandemia e ensino remoto, nem sempre ela reverbera na prática. Muitos são os desafios que impedem uma abordagem mais inovadora no âmbito escolar (Garcia, 2009), tais como aquelas de caráter pessoal (medo, insegurança, crenças de autoeficácia), profissional (falta de apoio, de tempo, capacitação, reconhecimento) e contextual (falta de recursos financeiros, de infraestrutura, legislação atrasada). Diante de tantos obstáculos, não nos surpreendemos quando os professores relatam esgotamento físico e mental ao lidar com essas novas demandas. Ainda assim, é possível localizar professores que se mostram capazes de adaptar, integrar e criar novas formas de ensinar, aprender e avaliar, buscando refletir sobre sua prática. Quando a inovação se mostra vantajosa a médio e longo prazo, o professor sai da sua zona de conforto e aceita mais facilmente as novidades como uma oportunidade para mudar os seus próprios paradigmas sobre a educação e o papel do professor. Aquela ameaça (ilusória) de um sistema que a princípio não deveria mudar, agora se transforma em uma fonte de aprendizado, tanto para o professor como para seus alunos.

É neste cenário que apresentamos os mapas conceituais (MCs) como potenciais ferramentas didáticas para inovação. Não é novidade que os MCs vem sendo utilizados com sucesso em diferentes segmentos de ensino e para diversos propósitos instrucionais. Mas, ainda assim, há muito tempo a comunidade mapeadora pergunta junto com o professor Kinchin (2001), “Se os mapas são tão úteis, por que não estamos todos usando?”. As hipóteses levantadas giram em torno da falta de um paradigma de educação construtivista e um possível conflito nas crenças dos professores sobre os conteúdos e métodos de ensino. Por exemplo, se a escola exige uma educação que valoriza o conteúdo disciplinar com avaliação apenas por meio de provas e notas e, o professor, com base em suas crenças escolhe ensinar de acordo, a inserção e o sucesso dos MCs neste cenário é improvável. Se passaram 20 anos desde as críticas apresentadas no artigo de Kinchin e, atualmente, os MCs aparecem com mais frequência nas pesquisas, nos livros didáticos e nas práticas de sala de aula, com abordagens cada vez mais inovadoras. Alguns desafios persistem, outros novos surgiram, confirmando que progressos notáveis foram alcançados nos últimos anos (Correia & Aguiar, 2021). Observa-se uma maior procura e interesse dos professores em compreender como utilizar esta ferramenta, o que por sua vez, está relacionada à crença da sua eficácia como um recurso, estratégia e metodologia de ensino capaz de mudar a dinâmica de sala de aula, colocando os alunos no centro do processo de construção de significados e empoderamento.

Apresentamos neste número temático sobre *Mapas Conceituais: da teoria à prática nos contextos educacionais*, oito artigos que evidenciam como esta ferramenta pode ser utilizada em situações inovadoras de ensino (Figura 1), desde avaliar o desenvolvimento da flexibilidade cognitiva e o conhecimento dos alunos sobre conceitos matemáticos, como organizadores de hipertextos e promotores da aprendizagem significativa em língua estrangeira e argumentação no Ensino de

Ciências, até contribuir para a formação do Engenheiro, na construção de um modelo desportivo e na proposta de um jogo didático para superar o obstáculo inicial da sua construção em sala de aula. Somados ao volume especial anterior, contamos com um total de 17 artigos que contribuem para que os leitores interessados avancem nas discussões teóricas e estudos empíricos, inspirando ainda mais professores a aproximar a teoria de suas práticas inovadoras.

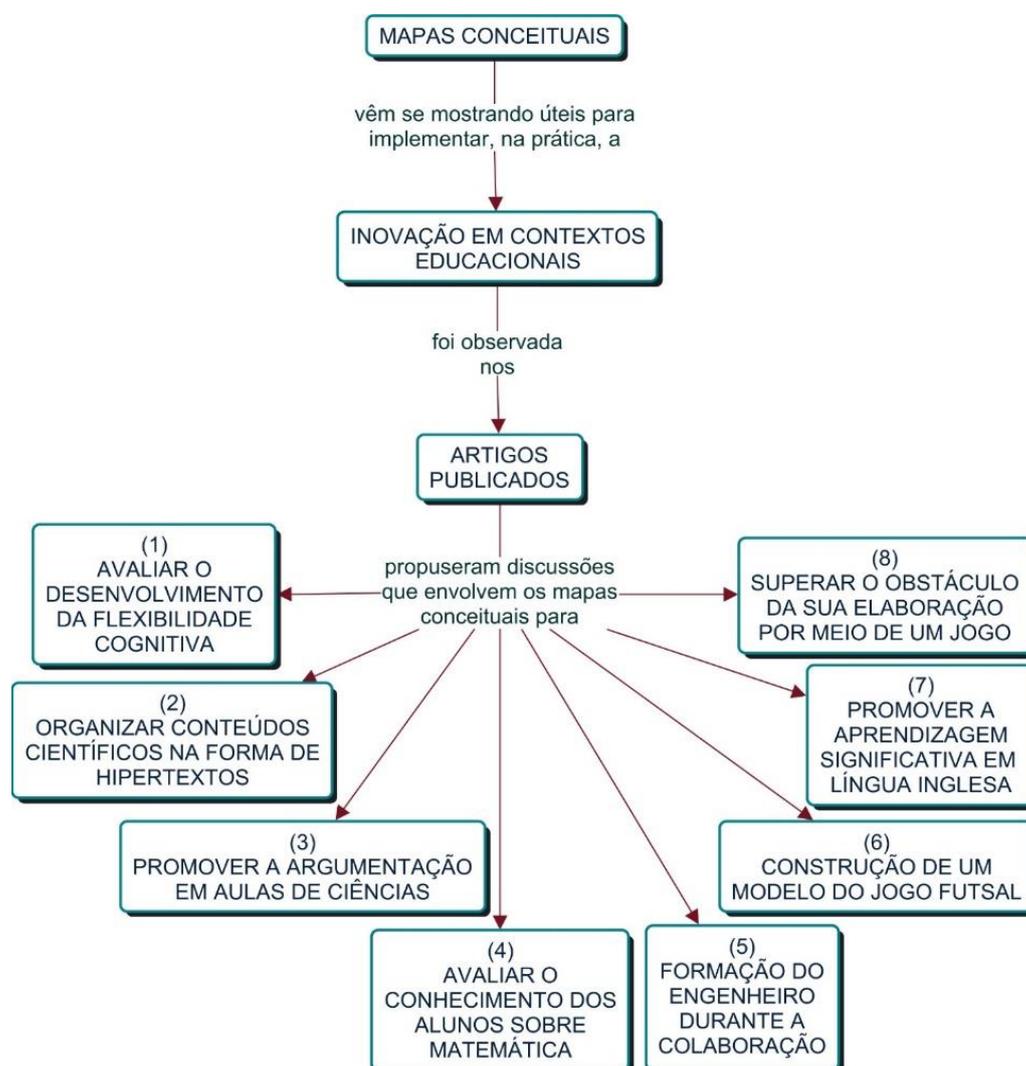


Figura 1 – Mapa conceitual organizando os artigos publicados nesse volume especial.

AGRADECIMENTOS

Aproveitamos o editorial para reconhecer o valioso trabalho que foi realizado pelos pareceristas ad hoc. Sem eles, não seria possível obter o resultado que apresentamos nas próximas páginas de Currículo & Docência.

Adriano Nardi Conceição – Universidade de São Paulo

Claudia Pinto Pereira – Universidade Estadual de Feira de Santana

Fabiana Pioker-Hara – Universidade de São Paulo

Flávia Machado dos Reis – Universidade Federal de Uberlândia

Flávio Antonio Maximiano – Universidade de São Paulo

Joana Guilares de Aguiar – Universidade Federal Fluminense

José Ayron Lira dos Anjos – Universidade Federal de Pernambuco

Kleyfton Soares da Silva – Universidade de São Paulo

Luan Danilo Silva dos Santos – Universidade Federal de Pernambuco

Marianna Meirelles Junqueira – Universidade Federal de Lavras

Ronise Ribeiro Corrêa – Universidade Estadual de Londrina

Rosana Retsos Signorelli Vargas – Universidade de São Paulo

Sylvia de Chiaro – Universidade Federal de Pernambuco

Thathawanna Tenório Aires – Universidade Federal de Pernambuco

REFERÊNCIAS

Behar, P. A. (2009). *Modelos pedagógicos para a educação a distância*. Porto Alegre: Artmed.

Correia, P. R. M. & Aguiar, J. G. (2021). Teoria, prática e uma lacuna que nos desafia. *Currículo e Docência*, 3(2), 1-4.

Garcia, P. S. (2009). Inovação e formação contínua de professores de ciências. *Educação em foco*, 12(13), pp. 161-189.

Kinchin, I. M. (2001). If concept mapping is so helpful to learning biology, why aren't we all doing it? *International Journal of Science Education*, 23(12), pp. 1257-1269.

Percheron, F. S. (2021). *A construção do conceito de inovação didática à luz da teoria antropológica do didático: um ensaio teórico*. (Dissertação de Mestrado em Ensino de Física). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Ensino de Física, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil.

Valente, G. S. C., Moraes E. B., Sanchez, M. C. O. & Souza, D. F. (2020). O ensino remoto frente às exigências do contexto de pandemia: Reflexões sobre a prática docente. *Research, Society and Development*, 9(9), e843998153.